

ECONOMIA GUERRA E PANDEMIA

A ERA DA DESESPERANÇA

RICARDO GUEDES

**Ph.D. em Ciências Políticas
pela Universidade de Chicago**

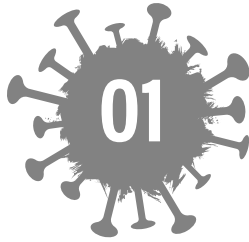


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

Sumário

Introdução	1
01. O pensamento humano	3
02. A Idade Média	13
03. A peste negra	20
04. O Renascimento	21
05. As caravelas e o Novo Mundo	24
06. A Revolução Industrial	30
07. Um século de ideias e movimentos sociais	33
08. A Primeira Guerra Mundial	53
09. A gripe espanhola	58
10. A Segunda Guerra Mundial	62
11. A Nova Ordem Mundial	74
12. As economias de hoje	88
13. A pandemia da covid-19	132

14.	A Guerra da Ucrânia	186
15.	A nova direita mundial	196
16.	Hamas-Israel: o conflito no Oriente Médio	207
17.	Venezuela-Guiana: a geopolítica do petróleo	213
18.	A crise ecológica	218
19.	Os blocos do futuro	234
20.	A antiga questão: O que fazer?	252
	Epílogo	254
	Referências Bibliográficas	255
	Citações, Gráficos e Tabelas	299
	Índice	319



O pensamento humano

Einstein disse que “duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana; mas não tenho certeza sobre o universo”. Com certeza, uma *caricatura* da alma humana. Consideremos a infinitude e a alma humana, em sua plenitude e limitações.

Como o homem raciocina na busca do conhecimento e na ciência?

Carl Hempel, em *A filosofia das ciências naturais*, diz que a ciência e o conhecimento são modelos da realidade, e não a realidade em si. Não que a realidade não exista; existe em si. Mas nosso conhecimento apenas arranha a realidade, em modelos que se constituem em aproximações da realidade, do conhecível, do observável. A ciência é um modelo da realidade.

Modelos teóricos

O primeiro modelo científico, e que mais durou na história, foi o modelo de Aristóteles tendo a Terra como centro do universo. Não caímos da Terra porque os corpos tendem a cair para o centro, e os movimentos dos planetas são explicados por meio de engenhoso modelo com mais de quarenta esferas de vidro que giram concatenadas entre si. O homem, feito por Deus, está no centro do universo. Ao fundo, a esfera fixa das estrelas, como se fossem lágrimas de luz sobre o espírito da noite. Modelo que perdurou por dezoito séculos.

Esse modelo foi contestado e alterado por Galileu, com a Teoria Heliocêntrica do Universo. O movimento das luas de Júpiter não podia ser explicado a partir de esferas. Sob os olhos da luneta, as luas circundavam Júpiter, com intercessão entre as esferas no mesmo tempo e no mesmo espaço, com sua inexequibilidade. O Sol tornou-se, assim, o centro do universo, com a Terra em sua volta. Galileu teve que dizer em confissão pública que a Terra

não se movia em torno do Sol, mas perto dos inquisidores, em baixo tom, ele disse, “mas que se move, se move”.

Com as Leis de Newton e da Gravitação Universal, os movimentos foram explicados por meio de formulações matemáticas, o que possibilita hoje enviarmos naves ao espaço e a outros planetas. Dois corpos se atraem na razão direta de suas massas e na razão inversa do quadrado da distância entre os corpos, enuncia Newton. Órbitas previstas na simplicidade alcançada das equações matemáticas.

Estudos sobre a luz e a matéria e discrepâncias na órbita de Mercúrio, entretanto, levaram Einstein a formular a Teoria da Relatividade, com evidências empíricas em suas inferências, em formulação mais complexa e abrangente do que as Leis de Newton. A presença de grandes massas distorce o espaço e o tempo, traçando os caminhos das órbitas dos planetas.

A ciência é um modelo de aproximação da realidade, que se altera por meio de paradigmas, como descrito por Thomas Kuhn em *A revolução científica*. Michael Polanyi nos fala sobre *A república da ciência* na formação de comunidades científicas. E Diane Crane nos fala sobre os *Colégios invisíveis* na validação experimental de seus resultados pelos pares.

Nas ciências sociais, os conceitos são *construtos* que, uma vez formulados, regem-se pela lógica científica e pela validação da observação, conforme Max Weber em *A metodologia das ciências sociais*. Os conceitos, como o de “família”, por exemplo, podem se alterar ao longo do tempo, mas, uma vez precisados, se concatenam segundo a lógica científica com outros conceitos sociais. Por se alterarem, diz Simon Schwartzman em brilhante insight, as ciências sociais têm *O dom da eterna juventude*.

E assim caminha a humanidade, por meio de percepções e teorias, em processos sucessivos de tentativa e erro, querendo se apropriar do inatingível, do completo conhecimento da realidade, tentando, daí, obter ações racionais para o seu caminho e sobrevivência.

Teorias sociais

Kant escreveu sobre razão pura e razão prática, a primeira como a expressão de valores últimos comuns no universo, a segunda como feita pelos homens para suas sociedades e regras.

Em primeiro lugar, vamos considerar o pensamento humano do século XIX, as tradições inglesa, francesa e alemã de pensamento, as quais, de alguma forma, ainda nos pautam até os dias de hoje.

A história humana é intrinsecamente um processo de tentativa e erro, de acordo com algumas percepções e decisões que são tomadas. Como disse

Marx em *The Holy Family*, “a história nada mais é do que a ação dos homens na busca de seus objetivos”.

Adam Przeworski definiu o *erro* nas ciências sociais como uma relação tripartite entre os objetivos a serem alcançados, a decisão que se toma para atingir esses objetivos e as condições externas que tornam possível ou não atingir esses objetivos, conceito fundamental para o entendimento dos pontos críticos de alteração e de mudança na história.

O homem é uma mistura do céu e do inferno, capaz dos extremos do amor e da morte. Um ser poderoso e contraditório, que tenta se fixar em algum lugar, na Terra.

Como modelos da realidade que expressam, as afirmações que podemos fazer têm seus limites.

Karl Marx

O pensamento e a história humana estão intrinsecamente ligados, em uma sequência de tentativa e erro.

Karl Marx é, se não o mais, um dos autores mais polêmicos da história contemporânea. Alguns o aplaudem, outros o condenam pelo curso recente de nossa história. Certo ou errado em suas afirmações, a clivagem entre direita e esquerda, como conceitos amplos, tem sido uma das mais importantes do nosso desenvolvimento recente.

Em verdade, Marx escreveu três diferentes teorias, e não necessariamente complementares entre si: a teoria histórica do modo de produção; a teoria econômica da queda da taxa de lucro; e a teoria política de grupos de interesse; algumas erradas, outras com mais evidências.

A teoria histórica do modo de produção, primeiramente exposta no *Manifesto comunista*, de 1848, e que mais caracteriza Marx no âmbito da política, afirma que a forma como as pessoas produzem tende a determinar a forma como as pessoas distribuem a riqueza na sociedade, como tendência historicamente determinada. Nas sociedades capitalistas, haveria uma contradição entre a forma socializada como as pessoas produzem, nas fábricas, e a forma individualizada como a riqueza é repartida, na apropriação do lucro pelos donos dos meios de produção, levando à tendência de uma *revolução socialista*, na qual tanto a produção quanto a apropriação seriam, então, socializadas. Marx tomou emprestado de Hegel sua teoria da dialética, na qual a história se move de acordo com a contradição entre tese e antítese, resultando em uma síntese, como o motor da história. Na teoria do modo de produção, a ética e os valores são apenas a superestrutura ideológica das condições econômicas de um modo de produção, com o econômico determinante.

Em *Das Grundrisse*, no entanto, que poderíamos traduzir livremente como *Os fundamentos e suas dúvidas*, Marx diz que sua teoria histórica do modo de produção não é boa o suficiente para explicar a transição, por exemplo, do feudalismo para o capitalismo, que não ocorreu por contradição e revolução, mas sim como consequência do aumento contínuo e progressivo do comércio e da participação política. E que a arte grega e o direito romano, conquistas oriundas das sociedades escravistas, são eternos, e que poderiam ser as leis e a arte das sociedades socialistas, em oposição direta à sua teoria da superestrutura como decorrente da determinação econômica.

Nas ciências físicas, Newton, em *Princípios matemáticos da filosofia natural*, na explicação da Lei da Gravidade, diz que dois corpos se atraem *como se se atraíssem* na relação direta de suas massas e na proporção inversa do quadrado da distância. Ou seja, se comportam como se fossem atraídos por suas massas, mas não necessariamente por causa de suas massas. Por que eles se atraem? Não há nenhuma resposta proposta por Newton para esse enigma em sua teoria.

O mesmo ocorre com a Teoria da Relatividade de Einstein. A órbita de Mercúrio pode não se encaixar adequadamente na Lei da Gravidade de Newton, mas a Teoria da Relatividade Geral afirma que a presença de massa distorce o espaço e o tempo, dando o ritmo de Mercúrio em torno do Sol. Por quê? Modelos! Um modelo pode ser mais explicativo do que o outro, sempre tentando alcançar o objetivo do intocável, mas contido em suas explicações de fenômenos presentes e de indicadores futuros, como limites do nosso conhecimento.

Einstein e Bohr discordavam sobre a natureza dos átomos e das leis naturais, causais para Einstein, indeterminadas para Bohr. Ambos profundos em suas asserções e conclusões, mas ambos modelos.

Isso significa que a realidade não existe? Certamente que existe! “Penso, logo existo”, como afirmou Descartes. As dificuldades estão na mente dos homens, de como entender e explicar a lógica da natureza e das sociedades, com a presunção de atingir o inatingível. Percepções corretas podem levar a melhores decisões, e percepções erradas, a mais erros. Mas o homem nunca estará livre de ter que tomar decisões, apesar da ciência e do conhecimento. Não há um certo assim determinante. A decisão ética após a interpretação de fatos terá sempre o seu lugar na história do homem.

Em verdade, não podemos inferir uma determinada decisão ética ou moral da teoria histórica do modo de produção. A suposta contradição entre o modo de produção e a apropriação do lucro nas sociedades capitalistas nunca levou a revoluções ou a sociedades socialistas. O socialismo real aconteceu não em países capitalistas, mas em países atrasados, como descrito por

Barrington Moore e Theda Skocpol, com o *socialismo real* finalmente derrotado nesses países pela ineficiência interna de suas relações econômicas.

A segunda teoria de Marx é a teoria econômica da queda da taxa de lucro, expressa em *O capital*. O produto é formado por capital fixo e capital variável. O capital variável é composto pelos salários que os empresários pagam aos trabalhadores, e o capital fixo é a quantidade de máquinas e tecnologia adicionada à produção. A diferença entre o preço de venda dos produtos e o que se paga aos trabalhadores é o lucro, ou *mais-valia*, a quantidade de trabalho de que os capitalistas se apropriariam dos trabalhadores. Por causa da concorrência, os empresários tendem a investir em capital fixo, com queda na taxa de lucro no longo prazo. Como tendência desse processo, ao final, não haveria mais lucro, apenas desemprego. Assim, o capitalismo destrói a si mesmo. E com a autodestruição do capitalismo, o socialismo floresce, como forma coletiva de trabalho e de apropriação na sociedade.

Para Marx, o lucro é uma apropriação do capitalista sobre os trabalhadores. Na economia liberal, o lucro é a diferença entre os custos de produção e os preços de mercado, a recompensa dos empresários pelo risco assumido. Todos tendem a receber o que valem na sociedade. Na verdade, o lucro é o mesmo em ambas as teorias, mas vinculado a diferentes conotações morais e ideológicas. Nomes diferentes para o mesmo objeto, com a atribuição de valores morais. Não há muita diferença entre eles. E o mercado continua a se mover.

Para o Marx da Teoria Econômica, o capital se reproduz por si só. E os políticos? Eles podem fazer o que quiserem, desde que não interfiram na reprodução do capital. Uma contradição direta com a sua teoria histórica do modo de produção, que prescreve a determinação da vontade.

Na verdade, as sociedades capitalistas têm aumentado sua taxa de lucro, não sendo destruídas pela suposta queda da taxa de lucro, o que pode vir a ocorrer talvez por outros fatores, como a crise ambiental no futuro próximo.

A terceira teoria de Marx é a teoria política de grupos de interesse, expressa no *XVIII Brumário de Louis Bonaparte*. É uma teoria de como diferentes grupos sociais e de pressão agem de acordo com seus interesses e objetivos, em conflito e consenso contínuo, como grupos de interesse. Banqueiros, industriais, burocratas, funcionários públicos, artesãos, trabalhadores, todos desempenhando papéis e interesses diferentes na sociedade. Trata-se do conceito da expressão do livre-arbítrio e de interesses no jogo social e de seus resultados. Não determinado, certamente, mas como produto da ação intencional do homem.

Diferentes Marx.

As clivagens sociais, no entanto, permanecem.

A tradição inglesa de pensamento

Em termos gerais, a tradição inglesa de pensamento social é baseada no indivíduo; a francesa, na organicidade social; e a alemã, no interacionismo entre os atores na sociedade. Todas elas se complementam.

Alguns autores concebem a história como o resultado do livre-arbítrio e da negociação.

Locke afirmou que os homens têm direito à vida, liberdade e propriedade, e o Estado deve existir com o consentimento dos homens, para a sua proteção. Stuart Mill afirmou que a liberdade é essencial para o indivíduo e que o *utilitarismo* nos objetivos abre o caminho para os espíritos livres da espécie humana.

Adam Smith é o centro do paradigma liberal. Em *A riqueza das nações*, ele abre o livro com a afirmação magistral de que “não há nada mais antigo no homem quanto a sua propensão para negociar, permutar e trocar” uma coisa pela outra. Essa é a base interna da essência humana e das sociedades. A divisão do trabalho no livre comércio pavimenta a prosperidade da humanidade.

O mercado é a base para a prosperidade da humanidade.

Hobbes, no entanto, já havia afirmado anteriormente que no estado de natureza *o homem é o lobo do homem*, antecedendo a necessidade de um *contrato social* que reja as relações dos homens.

A tradição francesa de pensamento

Os franceses buscam a liberdade da mesma forma que os ingleses; os ingleses mais individualistas em suas teorias e propósitos, os franceses mais sistêmicos ou sociais em seus objetivos.

Montesquieu dissertou sobre o *Espírito da lei*, universal e aplicável a todos os homens, limitando o Estado e estabelecendo regras, salvando os homens na afirmação de seus direitos e deveres. E Rousseau prescreveu *O contrato social*, a única forma de se evitar a barbárie. O homem nasce bom, a sociedade o corrompe. O contrato social e as leis constituem a base da coexistência em sistemas sociais. *Laissez passer, laissez faire!*

Dois países diferentes e dois pensamentos distintos em busca do mesmo propósito: a liberdade e a prosperidade dos indivíduos e cidadãos, países e sociedades. A Inglaterra se desenvolveu continuamente por meio da democracia parlamentar. A França derrubou a monarquia após a Bastilha, sob o lema *Liberté, Égalité, Fraternité*.

Nas ciências sociais, Comte introduziu o conceito de que a história e a sociedade não passam de uma ciência positiva como as ciências naturais, a física social, baseada no pressuposto de que a ciência é o único conhecimento verdadeiro para o desenvolvimento dos homens e das sociedades.

Durkheim é o autor mais significativo do paradigma francês das ciências sociais, introduzindo o conceito de função social em sua obra-prima *A divisão social do trabalho*, na analogia entre o corpo humano e as funções sociais, as sociedades evoluindo de funções menos orgânicas para funções mais orgânicas, do comportamento comunitário para o comportamento social, de valores mais religiosos a valores mais seculares.

Indivíduos e sociedades, determinação e livre-arbítrio, estas são as questões.

A tradição alemã de pensamento

Na Alemanha do século XIX, a ciência tornou-se central na cultura alemã, junto com a filosofia, a música e as artes, na busca de uma identidade nacional e do *espírito alemão*.

Na Itália do século XVI, a ciência experimental surgiu como uma atividade nas academias autônomas, fora das universidades, com o patrocínio da burguesia emergente, interessada na ciência como instrumento político de quebra dos dogmas da Igreja Católica e do poder da aristocracia.

No norte da Europa, no século XVI, a Reforma Protestante quebrou a magia da confissão, dando ao homem um papel social a ser exercido na vida. Para merecer Deus e os céus, o homem devia, agora, ter uma vida devota, contínua e fiel, para melhorar a si mesmo e ao mundo, para professar a verdade, em um substituto racional para os rituais católicos. O homem tem que ter um projeto de vida, a profissão do professor, e encontrar a sua vocação. A Reforma Protestante possibilitou a diferenciação entre os objetivos individualistas das pessoas e a verdade universalista, sem oposição, mas concatenadas entre si, abrindo o caminho para a ciência como atividade social.

Na Inglaterra do século XVII, o movimento científico baseado nas ideias baconianas de progresso levou à fundação da Royal Academy em 1660, sob o patrocínio do Estado, sendo a ciência posteriormente incorporada às universidades juntamente com os cursos profissionais.

Na França do século XVIII, a ciência surgiu da demanda utilitária do Estado por soluções tecnológicas, sendo criada a Académie de Paris para resolver problemas práticos que o governo pudesse apresentar. Após a Revolução Francesa de 1789 a 1799, no século XIX, a ciência contou com o apoio das elites na esperança de se criar uma sociedade de ordem e progresso, nos termos do positivismo de Comte.

Nos séculos XVIII e XIX, França e Inglaterra formavam os dois polos políticos e econômicos do mundo, opostos que eram na disputa pela hegemonia. O Império Alemão, datado de 1871, ocorreu posteriormente à unificação da Inglaterra no século XI e à formação da França no século XII.

Desde os tempos de Roma, os alemães foram atingidos pelas consequências das guerras na Europa e de conflitos entre si. Por muitas vezes, as terras germânicas foram devastadas por guerras e doenças, na Europa tão bem descrita por Jared Diamond em *Guns, Germs and Steel*, na combinação que propiciou à Europa o seu crescimento e sua radicalização. No início do século XIX, as guerras napoleônicas afetaram significativamente a Alemanha. Durante o século XIX, a Alemanha se transforma, nas palavras de Ferdinand Tönnies, da *Gemeinschaft* para a *Gesellschaft*, da *comunidade* para a *sociedade*, na procura de um lugar ao sol, de poder e da prosperidade.

Em 1810, a Universidade de Berlim foi fundada para proporcionar a busca do conhecimento como atividade autônoma, nos conceitos do *verstehen*, o *entendimento de si e dos outros*, e do *Wissenschaft*, o ativo de conhecimento que propicia o *conhecimento do indivíduo e do mundo*. A ciência se desenvolve como atividade autônoma, a *ciência pura*, não ligada diretamente às demandas tecnológicas imediatas, mas ao desenvolvimento do pensamento, expressão máxima do entendimento e da cultura. Os alemães desenvolveram uma forte escola, com profundidade, nas ciências físicas, filosofia, pensamento social, música e artes, a base da cultura para o desenvolvimento das pessoas. A busca do que viria a se constituir na identidade nacional e do *espírito alemão*.

Os paradigmas de pensamento inglês, francês e alemão são todos eles ligados a perspectivas nacionais do pensamento e do ser, semelhantes, mas diferentes, todos a procura do homem e da ciência, em diferentes *Centers of Learning*, tão bem descrito por Joseph Ben David.

Max Weber é o expoente do pensamento alemão nas ciências sociais.

Em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber discorre magistralmente sobre de como os ritos e as crenças católicas foram substituídos por ações e profissões *racionais*, na busca da ciência como substituta da religião. Assim, a ciência torna-se uma *nova religião*, no sentido de que a alma imaterial e mística dá lugar à razão e às explicações. Na mente, na ciência e na história, a plena expectativa de que o conhecimento possa resolver os problemas humanos, levando à felicidade e à prosperidade.

Em *Economia e sociedade*, Weber lança mão do conceito de ação social, seu conceito central, do significado e da percepção do outro e de si mesmo, baseado no *verstehen*, no entendimento das intenções e de seus resultados no processo da interação social. É preciso entrar na mente do outro para entender o significado da ação social. Portanto, forma-se uma rede de interação social. A primeira concepção sobre redes. É extremamente interessante, e

notável, que Weber tenha feito o uso da palavra “sociedade”, um substantivo, apenas na capa de sua obra *Economia e sociedade*, em título único, e não dentro do livro, sempre focado no conceito de ação social.

Na ação social, existem três tipos de liderança: a liderança tradicional, baseada em valores já formados e na obediência; a liderança burocrática, baseada em métodos racionais de organização e eficiência; e a liderança carismática, baseada na inovação para a transformação, para o bem ou para o mal.

Em *Methodology of Social Science*, de 1912, Weber é mestre em estabelecer as bases da epistemologia nas ciências sociais. Ele utilizou o conceito de *tipo ideal* de Kant e afirmou que as variáveis nas ciências sociais são categorias analíticas que representam alguns aspectos da realidade, expressos por conceitos abstratos. Dentro dos conceitos sociais, existem valores que lhes são internos. Esses valores, entretanto, não invalidam a análise científica. A lógica é o elo entre os conceitos, com resultados a serem verificados dentro dos cânones da ciência experimental, em concepção ampla. Como os valores fazem parte de constructos, como o conceito de *família* ao longo da história e das diferentes culturas, as ciências sociais podem se renovar ao longo do tempo, no *Dom da eterna juventude*, como citado nas palavras de Simon Schwartzman.

Na tradição alemã, Sigmund Freud interpretou os sonhos e criou a psicanálise, na relação invertida do querer e da culpa, em uma relação tripartida entre o Id, o Ego e o Superego. Os sonhos passaram a ser interpretados e explicados cientificamente, dentro da ciência da mente e do comportamento humano. Nas culturas antigas, os sonhos eram considerados como a profecia ou previsão do amanhã, um lugar na mente onde você se encontra com os deuses e com seus ancestrais. Os xamãs eram os intérpretes dos sonhos, fazendo a ligação entre o sagrado e o secular, dando origem às religiões.

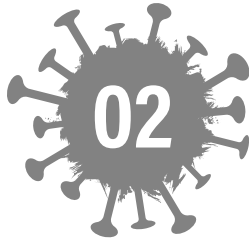
Georg Simmel, contemporâneo de Freud, criou a psicologia social, em bases diferentes da psicanálise de Freud. Em seu magistral livro *Philosophie des Geldes*, traduzido para o inglês como *The Philosophy of Money*, Simmel desenvolve a teoria do *compliance*, de difícil tradução para a língua portuguesa. Trata-se da cumplicidade e conformidade entre o líder e o liderado, em uma relação simbiótica na ação social. Simmel diz que para toda relação de subordinação há sempre uma relação recíproca de superordenação entre o líder e o liderado, pois que os liderados procuram por um líder para se eximir da responsabilidade da ação social. Se a massa não tiver um líder, ela unge um líder como sua liderança, mesmo que o líder careça de maiores qualidades. Ele diz que às vezes “o mestre torna-se o escravo de seus próprios escravos”.

Teorias importantes para se entender o curso das sociedades e da ação social.



O individualismo como propulsor da sociedade no utilitarismo inglês, o coletivismo como sistema social no funcionalismo francês e o interacionismo na concepção alemã da ação social. Essas são as teorias que norteiam nossas percepções e decisões até hoje, delimitando a ação humana ao longo de nossa história recente.

AMOSTRA



A Idade Média

"E disse Deus: Haja luz; e houve luz."

(GÊNESIS)

"E vi os mortos, muitos e poucos,
em pé diante do trono,
e os livros foram abertos.

Os mortos foram julgados de acordo
com o que haviam feito,
conforme registrado nos livros."

(APOCALIPSE)

A Idade Média tem por suas origens a decadência de Roma e do Mundo Antigo.

O que é democracia? Democracia é a participação do povo em suas próprias decisões dentro de certo acordo, ou regras. A democracia, quando instituída, não é essencialmente estável. A democracia depende da renovação contínua do acordo entre as partes e do seu cumprimento no dia a dia, senão ela pode se dissolver.

As civilizações grega e romana foram expoentes do Mundo Antigo.

O ideal da democracia, tanto na teoria quanto na prática, nasceu na Grécia Antiga.

Grécia Antiga

A Grécia marcou o início da História do Ocidente e lançou as bases do pensamento ocidental. Uma sociedade rica em profundidade e na alma, que nos deu Homero, Heródoto, Sócrates, Aristóteles, Platão, Arquimedes, Pitágoras, Tales de Mileto. O verdadeiro universo da arte, da arquitetura e das ciências. A terra das primeiras Olimpíadas.

Arnold Toynbee diz que as civilizações apresentam diferentes ciclos, desde a gênese até a sua desintegração. As civilizações dependem do tempo, do lugar, das percepções, das oportunidades e das decisões que são tomadas, sempre lideradas por uma minoria criativa.

A democracia foi implementada pela primeira vez em Atenas no final do século V a.C., após a derrubada da tirania. Em 508 a.C., Clístenes deu início à reforma política, sob pressão popular, aumentando a participação das classes médias em relação ao poder da nobreza. De 462 a.C. a 458 a.C., Péricles instituiu a democracia em Atenas com a participação direta do voto dos cidadãos para eleger seus representantes. Aristóteles denominou a democracia como o “governo de muitos”.

Na Grécia, a força do livre-arbítrio resultou em notável criatividade intelectual e capacidade militar, com o uso do ferro, falanges e sangue. Atenas, Esparta e as cidades-Estados da Grécia repeliram com sucesso os persas durante as guerras greco-persas de 498 a.C. a 448 a.C., apesar da inferioridade numérica. A Batalha das Termopilas em 480 a.C., com Leônidas e seus trezentos de Esparta, auxiliados por contingentes de outras cidades-Estados, é um exemplo clássico de tenacidade, sendo a Grécia finalmente libertada dos persas.

A cultura grega expandiu-se, então, pela região do Mediterrâneo, da Itália à Síria, sendo seus princípios incorporados no nascimento e na sequência de Roma. O livre-arbítrio dos gregos prevaleceu em uma democracia que durou cerca de duzentos anos.

Antigas Cidades - População		
Cidades	500 a.C.	300 a.C.
Atenas	20.000	500.000
Babilônia	150.000	200.000
Persépolis	44.000	

Atenas era uma cidade de 500 mil habitantes em 300 a.C., notável feito para uma cidade à época. De 500 a.C. a 300 a.C., Atenas aumentou sua população de cerca de 20 mil para 500 mil habitantes, e a Babilônia, de cerca de